

UMA VOZ FEMININA NO CONTEMPORÂNEO: QUANDO A POETA SE APROPRIA DO FACEBOOK

Paulo Nunes[i]
Máira Evangelistade Sousa[ii]

RESUMO

A sociedade está cada vez mais interligada por redes digitais e móveis. Na Literatura é crescente o número de poetas que se têm apropriado de plataformas de redes sociais para propagação de sua obra. Assim, o objetivo deste artigo é compreender como o Facebook pode ser apropriado pela literatura. A pesquisa de caráter descritivo-analítico se aqui faz através de técnicas qualitativas: pesquisa bibliográfica, observação, entrevista, descrição e análise. O objeto empírico de caráter exemplar é o perfil da poeta amazônica Giselle Ribeiro. São trabalhadas noções de literatura (SÜSSEKIND, 2002; CANDIDO, 2011), plataformas de redes sociais (RECUERO, 2009, 2012; ELLISON; BOYD, 2013; VAN DIJCK, 2013), cultura em rede (JENKINS; GREEN; FORD, 2014) e sociedade em rede móvel (CASTELLS et al., 2007).

Palavras-chave: Literatura; Plataformas de redes sociais; Sociedade em rede móvel; Cultura em rede; Facebook.

A FEMALE VOICE IN THE CONTEMPORARY: WHEN THE POET APPROPRIATES FACEBOOK

ABSTRACT

Society is increasingly interconnected by digital and mobile networks. In Literature, the number of poets who have appropriated social media platforms for the propagation of their work is increasing. Thus, the purpose of this article is to understand how Facebook can be appropriated by the literature. The research of descriptive-analytical character is done here through qualitative techniques: bibliographic research, observation, interview, description and analysis. The empirical object of exemplary character is the profile of the Amazonian poet Giselle Ribeiro. Notions of literature are worked on (SÜSSEKIND, 2002; CANDIDO, 2011), social networking platforms (RECUERO, 2009, 2012; ELLISON; BOYD, 2013; VAN DIJCK, 2013), network culture (JENKINS; GREEN; FORD, 2014) and mobile network society (CASTELLS et al., 2007).

Keywords: Literature; Social networking platforms; Mobile network society; Network culture; Facebook.

UNA VOZ FEMENINA EN LO CONTEMPORÁNEO: CUANDO EL POETA SE APROPIA DE FACEBOOK

RESUMEN

La sociedad está cada vez más interconectada por redes digitales y móviles. En la literatura, el número de poetas que se han apropiado de las plataformas de redes sociales para la propagación de su trabajo está creciendo. Por lo tanto, el propósito de este artículo es comprender cómo la literatura puede apropiarse de Facebook. La investigación de carácter descriptivo-analítico se realiza aquí a través de técnicas cualitativas: investigación bibliográfica, observación, entrevista, descripción y análisis. El objeto empírico de carácter ejemplar es el perfil de la poeta amazónica Giselle Ribeiro. Se trabajan nociones de literatura (SÜSSEKIND, 2002; CANDIDO, 2011), plataformas de redes sociales (RECUERO, 2009, 2012; ELLISON; BOYD, 2013; VAN DIJCK, 2013), cultura de redes (JENKINS; GREEN; FORD, 2014) y sociedad de redes móviles (CASTELLS et al., 2007).

Palabras clave: Literatura; Plataformas de redes sociales; Sociedad de redes móviles; Cultura de red; Facebook.



INTRODUÇÃO

No início era o verbo, diga-se, a voz. No entorno da fogueira, afagos vocais constituíam o elã no grupo étnico e afetivo, provavelmente sob a sombra de uma velha sumaumeira... psiiuuu! VAPT VUPT... E a velha contadora produziu suas performances e disse: atenção! Meninas, meninos... Ouvidos no coração: atentos. Era um movimento da literatura antes da literatura existir, num sistema 'letterocêntrico' segundo o que designa o cânone da literatura ocidental, que, sabemos, caracteriza-se por ser europeu, branco, heteronormativo, falocêntrico, cristão e, preferencialmente, anglo-germânico. O texto oral é o contrário disso, a velha contava e eles ouviam magnetizados. É fato que desde sempre a mulher é um ser astuto, subversiva gente – asiática, africana, ameríndia (ou mesmo a europeia fora das convenções) – contrariou a hegemonia e implodiu as linhas defensivas e rígidas dos machos de plantão, os que escreviam a partir dos ditames acadêmicos de acordo com o cânone europeu. Mas mulheres são mulheres e algo começou a mudar.

[1] Ranking das redes sociais: as mais usadas no Brasil e no mundo, insights e materiais gratuitos. Disponível em: <https://bitly.com/NvJ3W> Acesso em: 30 maio 2020..

Assim as regras ortodoxas, mesmo que no silêncio ou na sombra, começaram a ser questionadas. Hoje, século XXI, podemos nos amparar em teorias que defendem a superação da rigidez canônica; com o advento da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais se aproximam dois campos de estudos que nos auxiliam em uma radical 'virada de mesa' também nos estudos literários. A partir de então ficou mais fácil realçar as literaturas anticanônicas, que se expressam a partir (e para além) das margens da sociedade estabelecida dentro do 'canon': novas possibilidades são estabelecidas porque o 'no princípio era o verbo...' ganha sua configuração fêmea: no princípio era o verbo feminino que revolucionou a todos nós. É disto que abordaremos mais adiante, tratando de poesia no Facebook. Essa plataforma de rede social que já tem mais de 15 anos e conta, atualmente, com mais de dois bilhões de usuários ativos, sendo aproximadamente 130 milhões de brasileiros[1].

A apropriação do Facebook por pessoas, instituições e organizações se configura como prática social e cultural que tem como características a participação e a conectividade em um cenário onde a sociedade cada vez mais está interligada por redes digitais e móveis. Diante deste contexto, este artigo tem o objetivo de compreender como essa plataforma de rede social pode ser apropriada pela Literatura. Para isso, apresentaremos como caso exemplar o perfil da poeta Giselle Ribeiro no *Facebook*. A pesquisa tem caráter descritivo-analítico e combina as seguintes técnicas qualitativas: pesquisa bibliográfica, observação, entrevista, descrição e análise (GIL, 2008).

O artigo está dividido em três tópicos principais. Primeiramente, abordaremos as Transformações da Literatura. Em seguida, discutiremos conceitos referentes às plataformas de redes sociais. E, por fim, descreveremos e analisaremos as mudanças na Literatura em um cenário de sociedade cada vez mais conectada, a partir do caso exemplar: o perfil no *Facebook* da poeta paraense Giselle Ribeiro.

TRANSFORMAÇÕES DA LITERATURA

Desde Gutenberg que não presenciamos uma evolução tão eficaz nos modos de difusão da literatura nas "mídias tradicionais". A partir dos anos 1970 do século XX, nota-se uma mudança radical nas formas de difusão da literatura e demais artes. Vivíamos, no Brasil, a ditadura civil militar, iniciada em 1964, tempos de exceção; 'apesar de', a linguagem da arte, agindo pelas bordas, 'chutava o balde', questionava valores estabelecidos pelo sistema de repressão que, naqueles anos, conduzia o Brasil. As denúncias de censura, tortura, repressão e assassinatos vazaram para além das fronteiras do Brasil e provocaram a abertura política, embora lentamente e de modo parcimonioso. Assim mesmo, ditadores, torturadores, não foram punidos ou responsabilizados, o Brasil não foi 'passado a limpo', graças a um 'acordão' das elites financeiras e sociais. E os poetas e as poetas com isso? Assumindo uma postura de intelectuais, fundamental para reoxigenar a sociedade, a poesia foi à luta, como está até hoje em que o Brasil namora com o fascismo.

Quem quiser levantar suspeita sobre o papel dos escritores, deve ler Flora Süssekind (2002), que, em *Papéis Colados* (instigante coletânea de estudos) investiga o papel social do poeta desde os fins do século XIX até os anos 1960 do século XX. Süssekind mostra os escritores brasileiros em seu 'namoro' com os jornais, o rádio, a televisão e a publicidade (que ganhou as nossas ruas no século XX). A professora o faz em recortes seletivos, destacando escritores que por ela considerados os mais significativos da literatura brasileira, dos períodos que englobam o ensaio. Embora em "Poesia e Mídia" não trate da época que nos interessa, Flora Süssekind, além de se ater exclusivamente aos poetas (questão de gênero?), não considerou – mesmo porque não era seu objetivo – o computador e toda diferença que ele e as tecnologias digitais vêm proporcionar no campo do circuito de produção e circulação da literatura. No entanto, a professora é categórica em um ponto de vista que nos ajudará aqui. Afirma Süssekind:

Diante do mergulho de cabeça generalizado, [dos poetas] (inclusive os ex alternativos) na indústria cultural, parece necessária [uma] nova reflexão tácita. Não com vistas ao abandono puro e simples da mídia. Ou coisa semelhante. Mais ao menos para que se possa tencioná-los um pouco. Para que se busque um olhar mais crítico [sobre a atuação do poeta]. (SÜSSEKIND, 2002, p. 254).

Como se percebe, Süssekind destaca a atuação política e social dos escritores nos séculos XIX e XX. Ela sugere que é preciso desmitificar a figura dos poetas, inserindo-os num contexto de seu tempo, fazendo-os contemporâneos^[2] de si mesmos (desculpem-nos a redundância), o que significa vê-los nas suas mais diversas ações e contradições. Preocupemo-nos, desse modo, com escritores e escritoras no Brasil de agora, no século XXI, mas não sem antes esclarecer algo de nosso passado recente, o regime de 1964, que nos ajudará a abordar nossa temática.

O regime iniciado em 1964 teve que flexibilizar a repressão e o controle do regime. Ernesto Geisel, o presidente general do Exército, começava a alinhar, junto ao alto comando dos militares, a abertura política. Neste contexto foi que se sucedeu a retirada paulatina dos censores das redações dos jornais. Era a segunda metade da década de 1980, momento em que nono campo artístico era gestada a geração de 1990 da 'nova' literatura brasileira; geração que herdara a postura anárquica dos poetas marginais dos anos de 1970 e 1980. Os anos 1990 serão mais tranquilos talvez. Mais tarde, na virada do XX para o século XXI, o imbróglio tecnológico bateu à porta e, devagarinho, tomou a cena: 'sua majestade', o computador, atrelará a si, para o gozo de uns e desespero de outros, uma inseparável e dominadora parceria: a internet.

A revolução midiática, que foi vista com alguma desconfiança pelos mais conservadores, reforçou as fileiras das experimentações pretéritas, as dos poemas holográficos (vide Augusto e Cid de Campos, seu filho) e outros mais, mas, sem se atritar com o desbunde das performances literomusicais e dos shows de literatura alternativa, foi, aos poucos, ganhando espaço.

Aqui nossa história começa a se encaminhar para o nosso foco principal; através da *performatividade* das plataformas de redes sociais. A tela plana do computador – que evoluiu rapidamente de formato e funcionalidade tornando cada vez mais miniaturizados com os dispositivos digitais móveis – aproxima e ao mesmo tempo afasta criadores e leitores de literatura. Estava instaurado o *rebu cibernético*. Com um olho no peixe e outro na frigideira, poetas do mundo todo começaram a adentrar nos sites de redes sociais. E isto, embora tenha modificado a mediação dos sujeitos que constituem as etapas de circulação do texto literário, o que não modificou a função social da literatura, que continuará a representar, através de seus jogos de linguagem, e dar testemunho "dialeticamente [d]os problemas [sociais]", como aponta Antonio Candido:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscribida; a que os poderes sugerem e a que nasce de movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 2011, p. 177-178).

[2] Substantivo masculino, 'aquele que é concomitante, que é do mesmo tempo de'; advindo do latim, é vocábulo que nas origens era grafado como *contemporaneus*. Ver o dicionário eletrônico Dicio: <http://www.dicio.com.br>.

No sentido dinâmico da inserção no mundo físico (*físico* é usado por nós em contraponto a digital), a Amazônia, ilhada desde os tempos do Império, passará, aos poucos, a aderir às novas formas de circulação midiáticas e assim quebrará o isolamento geopolítico e cultural a que historicamente foi submetida. E isto ocorre através de uma nova estratégia, a das mídias digitais. Assim é que destacamos, neste contexto, uma plataforma que hoje tida já é como um 'jovem senhor': o *Facebook*, o qual será melhor apresentado no tópico a seguir.

PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS

Com a popularização de computadores e, mais tarde, de dispositivos digitais, móveis e conectados à internet, como os *smartphones*, a sociedade tem se organizado cada vez mais em redes (CASTELLS, 2015) móveis (CASTELLS et al., 2007). Esse sistema tecnológico é caracterizado pelo alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial. Ele transforma a cultura que passa a ser uma cultura da virtualidade real: “[...] nossos sistemas de crença e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo” (CASTELLS, 1999, p. 414).

Contudo, se a revolução da tecnologia da informação inicialmente é marcada por uma sociedade em rede (plataformas digitais e internet), a partir do século XXI é caracterizada por uma sociedade em rede móvel (plataformas digitais móveis e internet móvel): “As tecnologias de comunicação sem fio ampliam a lógica em rede da organização e da prática social em todos os lugares e em todos os contextos, com a única condição de fazer parte da rede móvel.” (CASTELLS et al., 2007, p. 395).

Nesse sentido, para Van Dijck (2013), com a invenção da web foi possível conectar o hipertexto à internet, sendo a base para a comunicação em rede. Na virada do século, com a *web 2.0*, os serviços online se tornaram interativos, abrindo diversas possibilidades de conexões. Com isso, e a proliferação de plataformas de redes sociais (*Facebook*, *YouTube*, *Wikipedia*, entre outras), a comunicação em rede se transformou em uma socialização em plataforma, e a cultura participativa em uma cultura de conectividade.

É diante deste cenário que buscamos discutir as plataformas de redes sociais, mais especificamente, o *Facebook*. Primeiramente, é importante destacarmos a distinção entre as redes sociais formadas por multidões humanas e as ferramentas usadas por esses grupos para comunicação na internet. Recuero (2009) destaca que a rede é uma metáfora estrutural para a compreensão de grupos expressos na internet. Assim, as redes sociais são formadas pelos atores e suas conexões, onde os atores são representações de pessoas, instituições ou grupos e as conexões são constituídas por interações.

A ideia de interação mediada por computador remonta da década de 1970. No caso das plataformas de redes sociais, também entendidas neste artigo como sites de redes sociais (BOYD; ELLISON, 2007), configuram-se como o espaço técnico onde ocorrem as interações. Eles são considerados *softwares* usados para a comunicação mediada por computador, tidos como uma categoria dos *softwares sociais*. Os sites de redes sociais são definidos como:

Uma plataforma de comunicação em rede em que os participantes 1) têm perfis de identificação única que consistem em conteúdos providos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários, e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) pode articular publicamente conexões que podem ser vistas e atravessadas por outros; e 3) pode consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerados por usuários fornecidos por suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2013, on-line, tradução nossa).

A maioria dos sites de redes sociais serve como base para a manutenção de redes sociais pré-existentes, ao mesmo tempo em que permitem a conexão de pessoas que não se conhecem, mas que têm interesses, opiniões políticas ou atividades comuns. Esses espaços variam de acordo com as ferramentas utilizadas, sendo possível, por exemplo, conectividade móvel,

compartilhamento de foto e vídeos. Mas a espinha dorsal dos sites de rede social são os “perfis visíveis que exibem uma lista articulada dos seguidores que também são usuários do sistema” (BOYD; ELISSON, 2007, on-line, tradução nossa).

Assim, essas plataformas possibilitam a manutenção das redes sociais de forma artificial, uma vez que: facilitam conexões sociais on-line entre centenas de atores, as quais não são desgastadas pelo tempo e pela falta de interações; são conexões abertas, ou seja, os usuários podem receber e enviar informações, mesmo que não estejam conectados em um determinado momento (RECUERO, 2012). Essas são as duas grandes mudanças das redes sociais na internet: “por conta da presença desses sites, é muito mais rápido, simples e menos custoso difundir informações, espalhar ideias e conversar com os outros atores que estão geograficamente distantes” (RECUERO, 2012, p. 132).

Para Santaella e Lemos (2010), as redes sociais na internet são caracterizadas como espaços de colaboração, compartilhamento e intercâmbio de arquivos. Essas plataformas promovem a “comunicação, a troca de informação, o compartilhamento de vozes e discursos” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 50), o que ocorre constantemente e de forma coletiva.

Essa nova forma de circulação de conteúdo midiático que envolve o público consumidor, que se transforma também em produtor e filtro distribuidor de conteúdo, indica um modelo de cultura mais participativo, uma vez que as ferramentas permitem o envolvimento das pessoas, ao mesmo tempo em que elas querem compartilhar. Assim, a união dessas novas práticas sociais e culturais relacionadas às novas tecnologias criam uma cultura em rede (JENKINS; GREEN; FORD, 2014).

Dessa forma, as audiências vêm se remodelando. No entanto, os autores atentam para o fato de que as pessoas não estão compartilhando apenas por conta das possibilidades oferecidas agora pelas tecnologias, mas sim porque elas já faziam através do “boca a boca”. Para Jenkins, Green e Ford (2014), é preciso entendermos as práticas culturais que são anteriores a essas tecnologias e que evoluem com ela. Recuero (2012, p. 17) considera que as práticas do “boca a boca” são reconfiguradas, tornando-se mais públicas e mais coletivas: “essas conversações têm novos formatos e são constantemente adaptadas e negociadas para acontecer dentro das limitações, possibilidades e características da ferramenta.”. Nesse sentido, podemos pensar nas transformações sofridas pela Literatura, conforme abordamos no tópico anterior.

No que se refere à plataforma de rede social *Facebook*, ele foi lançado em fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, à época aluno da Universidade de Harvard, com o objetivo de focar apenas nos estudantes universitários. O site de rede social se tornou público a partir de 2006, e desde então já passou por muitas modificações. Na plataforma, é possível ter dois tipos de conta, o perfil de usuários comuns, e as chamadas *fanpages*, que são páginas direcionadas a empresas, organizações e marcas. No espaço onde são publicadas as atualizações aparece a seguinte pergunta: “No que você está pensando?”. O *Facebook* permite postagens com texto (sem limite de caracteres), imagens, vídeos gravados e ao vivo, GIFs, links e localização. É possível também marcar os usuários nas publicações (criar um link para o perfil de outro perfil ou *fanpage*). O acesso ao *Facebook* é possível tanto por computadores (por meio de *browsers*) quanto por dispositivos como *smartphones* e *tablets* (através de *browsers* e aplicativos).

O “Face” – denominação resumida e algo carinhosa – é uma plataforma de socialização que passa a ser um dos espaços digitais escolhidos^[3] por boa parte dos que militam na literatura e na circulação do livro e da leitura. É neste contexto de sociedade em rede (CASTELLS, 1999, 2015) móvel (CASTELLS et al., 2007), característico do *Facebook*, que escritores e escritoras, percebendo o alcance^[4] que tal site de rede social possibilita, pedem passagem e tomam a cena. O estado do Pará, pelo que se vê cotidianamente pelas telas, é um dos grandes celeiros da ação das escritoras que, no século XXI, se utilizam do *Facebook* e se destacam com força expressiva e desenvoltura. Uma poeta^[5], inquieta, criativa e na linha de frente deste movimento de exposição diária

[3] Dificilmente os escritores usam apenas uma mídia para difundir seus textos; o critério de escolha varia de um escritor a outro. Ribeiro (2020) assim se justifica sobre sua opção: “Entre os dois espaços em que transito, Facebook e Instagram, tenho mais gosto pelo Facebook; é a possibilidade de ter mais público que é leitor de palavra (grifo nosso), palavras que jogam muito bem com as imagens”. Para ela o Instagram é “a praia dos que gostam mais de imagem e quase nada de palavras” (RIBEIRO, 2020).

[4] Estima-se que o Facebook disponha hoje de 2.500.000 (dois milhões quinhentos mil) usuários em todo o planeta.

[5] Embora possa haver alguma polêmica, optamos, mesmo na contramão da gramática, pelo denominativo poeta ao invés de poetisa. Inscrevemo-nos entre os que tomam poetisa como uma qualificação pejorativa.

nesta plataforma de socialização é Giselle Ribeiro, como discorreremos no tópico a seguir.

GISELE E SUA DINA, VOZES FEMININAS DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO LER

Giselle Ribeiro é paraense de Capanema, nascida em 25 de outubro de 1967. Professora do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde difunde a cultura e a Língua Francesa. “Escorpinana por dentro e por fora”, diz a própria autora que insiste na qualificação de um zodíaco que dará consistência a sua mais famosa máscara poética: a personagem Dina.

Giselle é poeta que se desdobra, tal qual uma das faces da lírica de Mário Sá-Carneiro, “perdida dentro de si”, resolveu escrever para dar vida às diversas ‘Giselles’ que a compõe: “... escrevo para expulsar a vida de outras que habitam em mim...” (RIBEIRO, 2020). Giselle faz-se, assim, desenha alguns de seus livros; é uma artista de multiface: militante, ela se assina com uma incurável feminista, poeta lasciva, de intenso brilho, que implode, com sua postura questionadora – fotos, textos, postagens – o patriarcado. Fazer literatura é, para ela, uma brava justificativa, como nos afirmou, “... escrever é fazer **som** com o **silêncio** das outras mulheres...”. E continua: “Há quem diga que escreve para se manter vivo ou viva, eu digo que escrevo para expulsar a vida de outras que habitam em mim” (RIBEIRO, 2020). Compromissada em combater o bom combate no campo do poder X gênero, como que instruindo os desavisados, Giselle (2020) dispara: “Escrevo porque a poesia me escolheu e vai me dando sinais de como melhorar essa escrita até que ela se diga poética...”. A metalinguagem, o processo de restauração da humanidade se pode dar pela escrita, o exercício cotidiano do fazer.

A poeta é a antena da raça? Qual nada, ela é a porta voz daquelas que tiveram suas vidas vigiadas, tolhidas, reprimidas (às vezes ceifadas) por uma sociedade repressora e falocêntrica. E não é à toa que a frase do senso comum, é resignificada, e o verbo lambe ganha uma conotação fartamente erótica na apresentação de seu perfil no *Facebook*: “[A poesia] me avisa que eu sou eu e boi não lambe” (ver Figura 1).

Figura 1: Perfil de Giselle Ribeiro no Facebook.



Fonte: Captura de tela

No perfil da poeta, postagens do dia a dia se misturam aos seus poemas. Em sua linha do tempo, no dia 30 de abril de 2020, se vê a aparição de Dina, a personagem provocativa e incendiária (ver Figura 2). O que se lê contribui para o questionamento do cânone ocidental, preconizador de uma moral conservadora da sociedade atravessada pelo patriarcado. Dina aconselha aos desavisados sobre suas regras de sentimentos; tem cabelos encaracolados e ostenta nas duas mãos o símbolo da resistência do movimento feminista, com a inscrição: “Tire seus espinhos quando for deitar comigo no ninho. Não é não. Na lei do amor mulher só abre as pernas quando quer”. E é por isto que o perfil de Giselle Ribeiro no *Facebook* foi quatro vezes censurada e tirada do ar.

Figura 2: Exemplo de poema no perfil de Giselle Ribeiro no Facebook.



Fonte: Captura de tela

Em reação, ela se associou a três outras poetisas para lançar a campanha ‘Cala a boca já morreu!’ (ver Figura 3). Ou seja, além de poemas, a postura questionadora, feminista e militante também aparece fortemente em seu perfil.

Figura 3: Exemplo de protesto no perfil de Giselle Ribeiro no Facebook.



Fonte: Captura de tela

Como podemos perceber nos exemplos acima, o *Facebook* é um canal utilizado para a circulação de poemas e manifestos sociais e políticos de uma poeta amazônica. Tais postagens podem ganhar repercussões inimagináveis, ao mesmo tempo que representa um processo de transformação do modo de fazer e de difundir literatura, em meio a nova lei que é a “conexão”, como afirma a própria poeta:

O que pode a ser chamado de Literatura precisa atravessar a cortina dos tempos, se saber aqui, ali e acolá. Os eus que me habitam falam do hoje, mas se investigar a história do que digo em metáfora, é possível que encontre nela uma ação do passado, que talvez se refaça no amanhã. Essa resposta se reflete no compromisso que tem a minha literatura, que na verdade nem é minha, é de todos e todas. Eu estou dizendo que sim, Literatura é um manifesto da vida social e política. Quando eu disse que escrever não é sofrimento para mim é justamente porque quando escrevo eu me vejo em passeatas gritando por mudanças. E isso é social, é político e é libertação, por isso eu escrevo com alegria! (RIBEIRO, 2020).

Desse modo, observamos como a literatura passa por um processo de reconfiguração em um contexto onde a sociedade se encontra cada vez mais organizada em redes móveis (CASTELLS et al., 2007). Assim, um poema postado na rede, como os de Giselle Ribeiro, pode ter alcance global, sendo compartilhado, comentado e até transformado por outros usuários da internet. Em meio a uma sociedade cada vez mais conectada, plataformas como o *Facebook* possibilitam que qualquer pessoa possa publicar seus conteúdos na rede.

Tais postagens, como no caso exemplar deste artigo, representam vozes e discursos (SANTAELLA; LEMOS, 2010), assim como informações e ideias (RECUERO, 2012) que muitas vezes poderiam não ser difundidos se não fossem os sites de redes sociais (RECUERO, 2009; BOYD; ELISSON, 2013) – essas plataformas de sociabilidade (VAN DIJCK, 2013). Nesse sentido, os poemas e protestos de Giselle ecoam para a sua rede preexistente (como amigos, familiares), mas também para pessoas que estão conectadas ao *Facebook* e seguem a poeta por conta de interesses em seus poemas e protestos, ou ainda para pessoas que se deparam com uma das publicações em seus feeds a partir de compartilhamento de outras pessoas. Em uma cultura em rede (JENKINS; GREEN; FORD, 2014), os poemas e protestos podem se propagar infinitamente pelas plataformas de rede social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, de caráter descritivo-analítico, teve como objetivo compreender como o *Facebook* pode ser apropriado pela literatura. Com base na análise do caso exemplar, o perfil da poeta Giselle Ribeiro, foi possível entendermos, se não completamente, parte significativa de tais transformações da Literatura nas últimas décadas.

Destacamos, nesse sentido, que em um cenário de sociedade em redes móveis (CASTELLS et al., 2007) e de cultura em rede (JENKINS; GREEN; FORD, 2014), plataformas como o *Facebook* permitem que autores, amazônicas (ou não), propaguem suas poesias para além das fronteiras locais e/ou nacionais. Embora esta seja uma forma de circulação em rede, que é participativa e, muitas vezes, móvel, a função social da literatura não é modificada (CANDIDO, 2011), pelo contrário, ela ganha novos espaços para a atuação política e social (SÜSSEKIND, 2002) e, por conseguinte, para a propagação de poemas e manifestos dos poetas. Desse modo, as vozes e os discursos (SANTAELLA; LEMOS, 2010) da literatura são potencializadas ao se propagarem imensamente pelas plataformas de rede social.

REFERÊNCIAS

- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer Mediated Communication*, 1, (13), 2007.
- CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- CASTELLS, Manuel et al. *Comunicación móvil y sociedad, una perspectiva global*. Editora Ariel. 2007. Disponível em: <https://goo.gl/Zcf3pQ>. Acesso em: 28 ago. 2015.
- ELLISON, Nicole B.; BOYD, danah. Sociality through Social Network Sites. In: Dutton, William H. (Org.), *The Oxford Handbook of Internet Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 151-172.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.
- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, Raquel. *A conversa em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- RIBEIRO, Giselle. "Uma voz efetiva na literatura de hoje". [Entrevista concedida a] Paulo Nunes. Whatsapp, Belém (PA), 01 de maio de 2020.
- SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010
- SÜSSEKIND, Flora. *Papeis colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.
- VAN DIJCK, José. *The Culture of Connectivity. A Critical History of Social Media*. New York: Oxford University Press, 2013. Livro eletrônico, não paginado.

Artigo recebido em: 07 Jun. 2020. | Artigo aprovado em: 15 Jun. 2020.

[i] Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Letras da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Integra os Grupos de Pesquisa e Estudos Narramazônia: narrativas contemporâneas na Amazônia Paraense (UFPA/UNAMA), Academia do Peixe Frito (UNAMA/ UFPA), CUMA Imaginário amazônico (UEPA) e Makunáima: literatura latino americana (UFPA).
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7238-702X>
E-mail: pontedogalo3@gmail.com

[ii] Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e dos cursos de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Ubiquidade na Comunicação (UBICOM/UNAMA) e membro dos Grupos de Pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação (INOVACOM/UFPA/CNPQ) e Laboratório de Edição, Cultura & Design (LEAD/UFRGS/CNPQ).
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5149-7518>
E-mail: maira.evangelistadesousa@gmail.com.